

Ingrid Schwanborn

O Guarani era um Tupi?

Sobre os Romances Indianistas

O Guarani, Iracema, Ubirajara

de José de Alencar

Tradução de Carlos Almeida Pereira

6 As línguas indígenas *guarani* e *tupi*

O nome “guarani” empregado para designar uma língua muito difundida entre os índios

parece ter sido de uso corrente entre os brasileiros; ao lado de “línguas indígenas”, ainda em 1840 ele foi utilizado pelo jovem VARNHAGEN em sua *Memória*¹.

Já o nome “tupi” só vem a surgir pela primeira vez em autores brasileiros em 1847, nos *Primeiros Cantos* de GONÇALVES DIAS. O *Canto do Piaga* começa com estas palavras:

O Guerreiros da Taba sagrada,
O Guerreiros da Tribu Tupi,²

O “piaga” médico e adivinho, alerta sua gente contra o “monstro” que haveria de surgir do mar para raptar e acorrentar suas filhas e mulheres:

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer[...].³

Em *Deprecação* por duas vezes é mencionado o “arco tupi”, que por efeito de uma maldição haveria de perder sua força.⁴

Ao lerem o primeiro poema os leitores de então devem ter tido a impressão de que se tratava de uma tribo *entre muitas*; ela também aparece no segundo poema, porém de certo mais por causa da rima, para rimar com “os vi” e “quati”. No *Canto do Guerreiro* e no *Canto do Índio* nenhum nome de tribo é mencionado.

Nos *Segundo Cantos*, de 1848, que como única “poesia americana” contém a longa poesia *Tabira*, certamente pensada como uma gesta de Pernambuco, onde GOLÇALVES DIAS estivera (e se apaixonara) antes, é descrita a luta do chefe dos “Tobajaras”, Tabira, contra os “Potiguaras”. Diz-se uma vez de passagem, no verso VI, que com seu orgulho o chefe estaria pondo em perigo sua nação, que já teria sido “Vencedora da raça tupi”⁵.

Portanto, de acordo com a opinião de GONÇALVES DIAS, em 1848 os portugueses faziam parte dos tupis, enquanto os tobajaras, mais tarde a tribo de Iracema, considerados aliados dos portugueses, não pertenciam a eles!

Só nos *Últimos Cantos*, em 1851, é que pela primeira vez GONÇALVES DIAS menciona, nas notas, uma “língua tupi” - e, se lermos com atenção *I-juca-pirama*, seremos informados que o *último* tupi foi sacrificado pelos timbiras. Neste mesmo ano de 1851 VARNHAGEN publicou o

1 FRANCISO ADOLFO VARNHAGEN: *Memória*. RIHG, t.III, 1841 (1860)ps. 53-61., cf. CARLOS DRUMMOND: *Das Tupi, die erste Nationalsprache Brasiliens*. Em: *Staden-Jahrbuch*, vol. 11/12, São Paulo, 1963/64, p. 19-29.

2 GONÇALVES DIAS, *Poesia Completa*, 106.

3 *ibid.*, 108.

4 *ibid.*, 111 s.

5 *ibid.*, 241.

Tratado Descritivo do Brasil de GABRIEL SOARES, com suas observações e opiniões próprias sobre “os tupis”. Tanto VARNHAGEN quanto GONÇALVES DIAS eram membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1858 GONÇALVES DIAS publicou seu *Dicionário da Língua Tupi*. Desta forma, com o passar do tempo a idéia de que a quase totalidade dos índios do Brasil ainda hoje falaria “tupi” se difundiu de tal forma que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), em 1981, através do volume ilustrado *A verdade sobre o Índio Brasileiro*, pretendia entre outras coisas enfrentar o “estereótipo” da “língua tupi” (o que certamente não era possível conseguir com duas frases apenas):

Muitos ainda pensam que todos os índios do Brasil falam a língua Tupi. É um dos estereótipos, arraigados e completamente infundados.⁶

6.1 Conhecimento e uso da línguas indígenas do Brasil por ALENCAR

Quando escreveu *O Guarani*, em 1857, os conhecimentos de ALENCAR a respeito dos índios e da língua indígena (assim como os de todos os brasileiros instruídos) eram bastante limitados. Além das poesias de GONÇALVES DIAS, acima mencionadas, e do *Tratado* de GABRIEL SOARES, publicado por VARNHAGEN, ele não dispunha senão das obras de SIMÃO DE VASCONCELOS, BRITO FREIRE e ROCHA PITTA, como ele próprio informa nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*.⁷

Na quarta destas *Cartas* ALENCAR contesta que se deva condenar toda e qualquer poesia contendo “termos indígenas”; embora existam alguns “poetastros” que consomem seu tempo “a estudar o dicionário indígena”, mesmo assim não poderíamos ridicularizar esta “verdadeira poesia nacional” como um todo.⁸ ALENCAR fala aqui do *diccionario indígena*. Por essa época, portanto, ele só conhecia *um único* dicionário de uma língua indígena, e este só pode ter sido o *Diccionario portuguez, e brasiliano*, que foi publicado em 1795 em Lisboa por Frei VELOSO. Até então este era o único dicionário impresso de uma língua indígena existente no Brasil – e do qual existe um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro..

Podemos concluir com segurança que ALENCAR utilizou efetivamente este dicionário pela nota que trata dos conhecimentos astronômicos dos “guaranis”. Ele introduz e apresenta a pitoresca denominação que os guaranis têm para estrela, a saber “*jacy-tatá*, fogo da lua”; e a partir daí enumera as quatro fases da lua, que os guaranis observavam com exatidão (já que para cada uma delas possuíam uma designação própria):

6 *A verdade sobre o Índio Brasileiro*. Guavira Editores, Rio de Janeiro 1981, p.22.

7 ALENCAR, *cartas*, ed. Castello, 58.

8 *ibid.*, 27.

Conheciam as quatro fases da luz: a lua nova, *jacy-pecaçú*; o quarto crescente, *jacy-jemoroçu*; a lua cheia, *jacy-caboaçú*; e o quarto minguante, *jacy-jearóca*. (II, 278)

Na nova versão do *Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez* de PLINIO M. DA SILVA AYROSA (São Paulo, s/d, [1934]), encontramos, sob a palavra “lua”, idêntica relação, a não ser a troca de duas letras:

Lua – *Jacy*

Lua nova – *Jacy peçacû*

- crescente – *Jacy jemoroçû*

- cheia – *Jacy çobâ oçû*

- minguante – *Jacy jearóca*

[...]

Lume – *Tatâ*⁹

Da mesma forma que pode ser encontrada neste *Diccionario* a palavra “estrella – *Jacy tatâ*”, pode-se encontrar aí também as palavras que – um pouco com pose de conhecedor – ALENCAR apresenta para as duas únicas estações do ano que os guaranis conheciam, a saber, “estação do sol, coara-cyára” e “estação da chuva, almánaára”, na forma “*coaracy ára*” e “*Amána ára*”; estas palavras só podem ser encontradas na segunda parte, “Brasiliano-Portuguez”, do dicionário, que ao tempo de ALENCAR só existia sobre a forma de manuscrito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹⁰

Com base nesta primeira interpretação das visão dos indígenas que ALENCAR deduziu das citadas palavras podemos concluir que ele manuseou na Biblioteca Nacional o *Diccionario portuguez, e brasiliano*, assim como os “vocabulários” aí existentes, e que copiou as expressões que lhe interessavam. Aí podemos encontrar também “*pery*”¹¹ para junco, “*moacy*”¹² para magoar e “*cecy*” para doer.¹³

9 AYROSA, *Diccionario*, 95.

10 Sobre o problema do *Diccionario* e dos manuscritos, cf. EDELWEISS, *Estudos Tupis*, 123 ss.

11 AYROSA, *Diccionario*, 78.

12 *ibid.*, 96.

13 *ibid.*, 78. AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, atual diretor da Biblioteca Nacional, com a ajuda do chefe da seção de manuscritos, WALDIR CUNHA, descobriu no livro de visitas da biblioteca, “*Consulta Pública 1854-1860*”, que ALENCAR realmente, em agosto de 1856, depois de terminar as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, para preparar-se para o seu primeiro romance de folhetim, *O Guarani*., consultou estas obras, p. ex. “No dia 8 de agosto de 1856 consultou o 'Almanaque do Império'. No dia 12 de agosto de 1856 'Corografia Brasília' do Padre Ayres de Casal[...]. No dia 13 de agosto, foi a vez da “História do Brasil”(dois vols.), de Beauchamp. No dia 26 de agosto, o 'Dicionário da Língua Brasília, Flora Fluminense’”. Cf. o mesmo: *O que liam Machado, Alencar e*

Outra fonte importante para o conhecimento dos detalhes da vida dos índios foi a obra *A Confederação dos Tamoios* (1856), de GONÇALVES DE MAGALHÃES, que foi tão violentamente criticada por ALENCAR. Disponho apenas da segunda edição desta obra, de 1864, corrigida pelo autor. Nas notas a esta edição também é citado o *Diccionario da Língua Tupi* (Leipzig, 1858) de G. DIAS, de modo que algumas notas devem ter sido acrescentadas anteriormente.

Seja como for, ALENCAR não se deixou impressionar pela enumeração das tribos por MAGALHÃES, todas elas supostamente pertencentes aos “tupis”, e que por conseguinte possuiriam os mesmos usos e a mesma língua.¹⁴ Pois entre estes “tupis” MAGALHÃES coloca também os carijós, que antes, assim como ANCHIETA, ele havia colocado lado a lado com os tupis: “Tupis e Carijós”.¹⁵

Uma “língua tupi” também só é mencionada por MAGALHÃES nas notas, não no próprio texto, onde uma vez se fala da “língua do paiz”¹⁶ e se diz que os índios que descendiam dos tupis falavam todos a mesma língua.¹⁷ Na *Confederação dos Tamoios*, quando os índios falam uns com os outros, ou quando fazem longos discursos, eles sempre falam em português, o que o leitor deverá tomar como metáfora para uma outra língua incompreensível (da mesma forma como os *redskins* de COOPER falam inglês, e os índios de KARL MAY alemão).

É por este *português* falado pelos índios de MAGALHÃES que ALENCAR começa sua crítica; o autor não teria sabido transmitir uma imagem convincente da maneira de falar, da “linguagem” dos índios, faltaria “esse vigor de linguagem, e [d]esse colorido de imagens que só têm os filhos da natureza.”¹⁸ E faltaria “aquelle estylo poetico e figurado proprio das raças incultas”¹⁹, como também o autor não teria sabido aproveitar os “thesouros da poesia” existentes nesta língua.²⁰ ALENCAR, portanto, não esperava que MAGALHÃES fizesse os índios falarem realmente uma língua indígena, que depois ele tivesse que traduzir para o português para ser compreendida.

DOM PEDRO II, em suas respostas anônimas aos ataques de ALENCAR, em agosto de 1856, aponta o erro de este contar os *tamoios* entre os *tapuias*; eles pertenceriam aos *tupis*, como ALENCAR poderia ler na obra do Sr. VARNHAGEN, *Historia Geral do Brasil*, páginas 99 e 100²¹; além disso a suprema autoridade no Brasil fala da “língua tupi” e da “língua geral dos nossos

Varela na Biblioteca Nacional? em: *O Globo*, 18-8-1991, p.3

14 G. DE MAGALHÃES, *Confederação* (Rio de Janeiro 21864), 148.

15 *ibid.*, 56.

16 *ibid.*, 75.

17 *ibid.*, 146.

18 ALENCAR, *Cartas*, ed. Castello, 13.

19 *ibid.*, 54.

20 *ibid.*, 58.

21 *ibid.*, 95.

selvagens”.²² (Em 1850 Dom Pedro II ainda usava apenas a expressão “língua indígena”.²³)

ALENCAR não se deixa impressionar por isso; ele prefere manter em aberto a questão de saber se, apesar de tudo, os *tamoios* não pertenceriam aos *tapuias*, uma raça mais antiga²⁴, e o seu primeiro romance onde aparecem os índios ele o denomina *O Guarani*. Uma afronta contra D. PEDRO II? Ou um reflexo da insegurança geral dos conhecimentos sobre os índios do Brasil? Quase como por teimosia ele dá a explicação do título da obra, que pode ser lida na primeira nota da segunda edição:

GUARANI. O título que damos a este romance significa o *indígena* brasileiro.[...] (Grifo de ALENCAR na segunda edição, o que não é representado na edição Aguilar, II, 276)

No enrolado prosseguimento desta explicação ele expressa a opinião de que o nome “tupi” no máximo poderia ser dado à “língua geral”, falada por algumas nações, e que evidentemente o nome dado à língua lembraria “o nome primitivo da grande nação” (II, 276).

Embora o próprio Peri se designe a si próprio como “goitacá” (II, 97), e portanto, segundo VASCONCELOS, ele seja um tapuia e não fale “aquela língua comun”,²⁵ desde o início não fica nenhuma dúvida de que a língua falada por ele é o “guarani”, e de que os goitacás, por conseguinte, devem ser considerados como pertencentes à grande nação dos guaranis.

Dom Antônio de Mariz, o fidalgo português, também teria aprendido esta língua; por isso desde o início ele é capaz de conversar com Peri e de servir de intérprete entre ele e sua filha Cecília, até que em três meses Peri chegue a aprender o português, de modo que já não existe problema de linguagem entre os portugueses e Peri (II, 109).

Só quando entram em cena os aimorés é que se diz que eles conversavam entre si em “uma língua desconhecida e que Peri não entendeu” (II, 81); ele também não entende quando “uma bela índia na flor da idade” (II, 209), que lhe fora dada como “esposa do túmulo”, lhe sussurra alguma coisa ao ouvido, mas entende muito bem sua linguagem corporal (II, 212). Quando o pai dela, o velho “cacique”, se aproxima e diz-lhe: “Sou teu matador!” (II, 222), diz-se expressamente que isto foi dito por ele “em guarani”. Ao contrário da filha, portanto, o velho fala duas línguas indígenas! Significaria isto pretender afirmar que a “língua geral” dos índios do Brasil teria sido o guarani, e não o tupi?

O que ficamos sabendo sobre esta língua concorda com o pouco que GABRIEL SOARES diz no capítulo CL sobre a língua dos tupinambás:

22 *ibid.*, 97, 106.

23 RIHG, XIII, 1872, p. 131.

24 ALENCAR, *Cartas*, 12.

25 VASCONCELOS, I, § 153 e § 151, p.110.

Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e mui copiosos no seu orar [...].²⁶

Dos *aimorés* ele dissera que eles falam “de papo tremendo” e que “não se entende com outro nenhum gentio que não seja tapuia” (p. 339). Encontramos estas duas informações combinadas no comentário que ele faz à pronúncia do velho cacique:

Peri não se admirou ouvindo a sua bela língua adulterada pelos sons roucos e guturais que saíam dos lábios do selvagem. (II, 222)

Antes já ficáramos sabendo que a língua de Peri era bela e sua pronúncia melódica, quando ele conta quem é e como teve uma aparição da “senhora dos brancos” (Maria):

O índio começou, na sua linguagem tão rica e poética, com a doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virgens, esta simples narração. (II, 98)

Uma outra informação de GABRIEL SOARES a respeito desta língua, da qual ele diz que é “uma língua que é quase geral pela costa do Brasil”, nós a reencontramos em *O Guarani*, a saber, o que ele informa a respeito das “letras” que não existem nesta língua:

[...] faltam-lhes três letras do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar [...].²⁷

ALENCAR deve ter se lembrado disto quando a toque de caixa estava escrevendo este romance. Peri chama Cecília de “Ceci”. Um dia ela lhe pergunta se ele não consegue pronunciar seu nome completo. A seguir ele o pronuncia com toda a clareza, o que despertou admiração:

Peri pronunciou claramente o nome da moça com todas as sílabas; isto era tanto mais admirável quanto a sua língua não conhecia quatro letras, das quais uma era o “L”. (II, 110)

As três “letras” que faltavam já haviam aumentado para quatro em ALENCAR, o que, no

26 G. SOARES, *Tratado*, 302.

27 *ibid.*

entanto, não tem importância para o decurso da narrativa, pois é só a falta do som “l” que teria algo a ver com a palavra “ceci”, que segundo a informação do pai de Cecília significa “doer, magoar”, o que Peri não mencionava. (II, 100).

Outras informações sobre esta língua não são acrescentadas por GABRIEL SOARES, e também ALENCAR nada diz a este respeito, a não ser que o nome “Peri” significa “junco selvagem” (II, 38) ou “cana selvagem” (II, 98). Os dois nomes, Peri e Ceci, são ambos explicados nas notas como sendo palavras da “língua guarani” (II, 227).

Como teria ALENCAR chegado a esta afirmação? E como teria chegado a estes dois nomes?

“Peri” e “Ceci”

Podemos imaginar que ALENCAR tenha tido um “informante”, talvez da região das antigas “Missões”? Ou então que ele teria consultado também o *Vocabulario de la lengua Guaraní* (1640), de ANTONIO RUIZ DE MONTTOYA, talvez na forma ampliada por PAULO RESTIVO em 1722, e observado a impressionante semelhança entre as palavras que lhe interessavam em “guarani” e em “brasílico”? Sob a palavra *junco* encontramos, em RESTIVO, *piri*.²⁸

Da mesma forma ainda hoje a palavra é apresentada por ANTONIO ORTIZ MAYANS, em seu *Diccionario Español-Guaraní/Guaraní-Español*: “Junco. Piri”, como também no *Diccionario Castellano-Guaraní/Guaraní-Castellano* do padre ANTONIO GUASCH (7a. ed. 1991).²⁹

Mas com isto não ficou ainda respondida a pergunta de como ALENCAR teve a idéia de chamar seu primeiro índio de “Peri”. Poderíamos imaginar que ele tivesse inventado este nome, como os que veio a inventar mais tarde, mas a resposta provável está intimamente ligada à idéia sustentada por ele do “guarani” como língua e como nação. Uma sugestão:

Num artigo de LEON CADOGAN, *En torno al nombre Querandí*, a atenção é despertada por uma surpreendente observação incidental:

Ya em aquel entonces deduje que *Pirí* seria un nombre propio guaraní, opinión confirmada posteriormente cuando, *revisando los registros parroquiales de algunas Misiones y Pueblos de Indios*, di con los apellidos *Pori-bé*, *Piri-pó*, *Piriyú*, citados em mi “Mil Apellidos Guaraníes”, Asunción, 1960.³⁰

Entre os guaranis das missões seria costume, portanto, *usar nomes de plantas como nomes*

28 PAULO RESTIVO: *Vocabulario da la Lengua Guaraní* [...] secundum Vocabularium Antonii Ruiz de Montoya, Ed. Seybold, Stuttgart 1893, p. 351.

29 MAYANS, 221 e GUASCH, 296.

30 LEON CADOGAN: *em torno al nombre Querandí*, em: *Suplemento Antropológico* de la Revista del Ateneo Paraguayo, Asunción, Setiembre de 1967, 314.

próprios, portanto também “piri”, como o autor pôde verificar na lista dos batizados de algumas missões. Teria ALENCAR consultado também um tal livro de batizados dos guaranis? Teria sido o informante destas coisas um colega de seu pai, ou quem sabe mesmo o seu pai (falecido em 1860)?

Em 1854, no primeiro volume de sua *Historia Geral do Brasil*, VARNHAGEN defendeu o postulado de que todos os índios da costa do Brasil seriam chamados “Tupis” e só alguns no sul seriam chamados “Guaranis ou Guerreiros”, e que a língua destes seria chamada com o “improprio nome de guarani” mas que na realidade seria a “língua tupi”.³¹ De acordo com isto VARNHAGEN deve ter sentido como uma grosseira afronta o fato de Peri, “o guarani”, ser considerado o “índio brasileiro”.

Uma vez que Peri fala *guarani* e se dirige a Cecília com o nome de “Cecy” ou “ceci”, quando não usa “iara”, também essa nome *Cecy* é explicado no texto e na nota correspondente como uma palavra da língua guarani, significando “doer, magoar” (II, 110).

No *Vocabulario de la lengua Guarani* de RESTIVO encontramos, na palavra “dolerse”, *añemboaci*.³² À primeira vista isto parece muito distante de “ceci”, mas quando decompomos a palavra obtemos as partes *añe* e *mboaci*. Na parte *Brasiliano-Portuguez* editada por AYROSA, a segunda parte desta palavra volta sob a conhecida forma “*Moacy* – pezar, doer, agravar, estimular, sentir, magoar”.³³ Mais tarde esta palavra foi transformada por ALENCAR em “Moacir”, o filho das dores de Iracema.

Caso a forma “Doer – Cecy” tenha figurado realmente na primeira edição do *Diccionario portuguez, e brasiliano*, ALENCAR teria tido razão ao atribuir a palavra “cecy” ao guarani, pois no Paraguai e na Bolívia ainda hoje ela é utilizada todos os dias por um número crescente de pessoas: “Doler, Jhasi”.³⁴

A ligação entre “cecy” e “jhasi” se encontra primeiramente na pronúncia do “e”, que se aproxima do alemão “ä”, e por outro lado no fato de no português a sílaba inicial não ser corretamente reproduzida com o “e”, devendo provavelmente ficar entre “çä”, “rä” e “schä” ou “scha”, como sugerem as variantes desta palavra como substantivo:

Pena (ter) – Çacy. (Dic. Port.-Bras., 106) -

copiado por ALENCAR como

“Pena – Cacy” no caderno X dos seus *Apontamentos*.

Dolor. Tasî. (Mayans, 138) Nas ligações fica t>r

Che (eu) acä (cabeça) rasî (dor): tengo dolor de cabeza.

31 VARNHAGEN, *Historia Geral*, I, 19 e 25.

32 RESTIVO, 253.

33 *Diccionario Portuguez-Brasiliano/Brasiliano-Portuguez*, 253.

34 MAYANS, 138 e GUASCH, 177 sob a forma “doler: hasy”.

Palavras guaranis e sua tradução

Encontrar estas duas palavras guarani, “pery” e “cecy”, e utilizá-las como nomes próprios foi a primeira contribuição criativa de ALENCAR para o conhecimento da língua indígena no Brasil!

As demais palavras, costumes e idéias indígenas são empregadas em *O Guarani* assim como são encontradas nas fontes citadas por ele, SIMÃO DE VASCONCELOS, GABRIEL SOARES, GONÇALVES DIAS, AIRES DE CASAL, MARKGRAF e DA SILVA LISBOA, como p. ex. “muçurana” - corda da morte, “igara” - barco. O fato de estas palavras serem explicadas separadamente nas notas comprova que ainda não eram (ou não eram mais) conhecidas; igualmente “tacape” e “tangapema” são explicadas no texto como significando “clava”, “espada” (II, 210), enquanto “inúbia” e “maracá” podem ser reconhecidas pelo contexto como instrumentos musicais que acompanhavam “o canto guerreiro dos aimorés” (II, 210).

Desperta atenção o fato de ser necessário explicar também “cipó” e “curare” - veneno, palavras que hoje são do conhecimento geral.

Em *O Guarani*, ALENCAR, de maneira geral, ainda foi muito parcimonioso com as palavras indígenas, empregando somente as que eram mais usuais, sendo que lhe escapou o lapso de equiparar “iara” a “senhora”, provavelmente por analogia com “iaia”, “sinhá”, como as amas negras tratavam suas pequenas senhoras. No *Diccionario portuguez, e brasiliano* ele só poderia ter encontrado “Senhor – Jará” (p. 117 da edição de AYROSA).

Também com a palavra “cacique”, para chefe de tribo, ALENCAR adotou uma palavra que através dos espanhóis se havia tornado de conhecimento geral e que é mencionada *em nenhuma fonte* sobre os índios brasileiros, e que mais tarde ele nunca mais volta a empregar. (Hoje ela é – com um leve toque de ironia – cada vez mais fácil de ser encontrada também nos jornais alemães, sob a forma “Kazike”.)

É evidente que para o chefe dos aimorés a palavra “cacique” só tenha sido usada em sentido *depreciativo*, pois a respeito de Peri, quando ele se deixa prender pelos aimorés, se diz um pouco antes, reproduzindo seus próprios pensamentos:

Ele, Peri, o guerreiro invencível, ele, o selvagem livre, o senhor das florestas, o rei dessa terra virgem, o chefe da mais valente nação dos guaranis, suplicar a vida ao inimigo! Era impossível. (II, 212).

Peri, portanto, é um “*senhor da florestas*”, o rei da selva, um “*chefe*”, Irapuã também é um “*grande chefe*”, Ubirajara é até mesmo um “*chefe dos chefes*”, e também um “*morubixaba*”. Nas fontes portuguesas o chefe é sempre chamado “*principal*” ou “*maioral*” como ALENCAR o menciona na nota 24 a *Ubirajara*, no início da discussão a respeito deste nome (II, 1.197). Também neste particular o seu modelo para esta palavra foi *Atala* de CHATEAUBRIAND, onde lemos simplesmente “*le chef*” ou “*le grand chef*”.³⁵

Assim como em *Atala* o velho Chactas é muito parcimonioso com as palavras indígenas em sua narrativa a René – além de “*tomahawk*”³⁶ e de “*mocassine*”³⁷ ele emprega sobretudo paráfrases em francês, como “*l'étoile mobile*” para a estrela polar³⁸ ou “*lune de feu*” para “*juillet*”³⁹ - também ALENCAR procede de forma semelhante em *O Guarani*, quando fala de “*Estrela grande*” (estrela da manhã), ou de “*Árvores de Ouro*”, “*Taba dos brancos*” ou “*Grande rio*”, deixando estes assuntos para explicar nas notas.

Com isso provavelmente ele queria evitar, como CHATEAUBRIAND, que o texto sobrecarregado de palavras indígenas ficasse incompreensível para os leitores de língua portuguesa. CHATEAUBRIAND – ao contrário de ALENCAR – posicionou-se sobre esta questão na primeira edição de *Atala*:

SE je m'étais toujours servi du style indien, *Atala* eût été de l'hébreu pour le lecteur. [Se eu tivesse usado sempre o estilo indígena, *Atala* teria se transformado em hebraico para o leitor.]⁴⁰

Em consequência desta rejeição, *Atala* tornou-se menos uma narrativa indígena ou indianista, e mais uma narrativa francesa com temática cristã, que deixa no leitor atual uma impressão forçada.

Apesar das reservas de CHATEAUBRIAND, que certamente não lhe eram desconhecidas, ALENCAR não se deixou dissuadir de colocar cada vez mais “hebraico” (ou “chinês”) em seus romances indianistas. O que a ele importava não era tanto o “toque” exótico de suas histórias, mas uma sempre maior identificação com a própria história e a própria natureza, não um objetivo exótico ou pessoal, como era o caso para CHATEAUBRIAND, mas sim um objetivo nacional.

35 F.R. RENÉ DE CHATEAUBRIAND: *Atala*, Paris, Gallimard 1978, p. 53, 63 et al.

36 *ibid.*, 63.

37 *ibid.*, 72.

38 *ibid.*, 71.

39 *ibid.*, 78.

40 F.R. RENÉ DE CHATEAUBRIAND: *Atala*, Préface de la première édition Chateaubriand, *Atala – René*. Ed. P. Reboul, Paris 1964, p. 43. - Cf. E. MÜLLER-BOCHAT: *Mehrsprachigkeit und Anderssprachigkeit als Erzählthema (am Beispiel Brasiliens)*; em: *Realidad y Mito em la literatura latinoamericana*. Actas del Simposio Internacional de Literatura em Lindau (22 – 24-3-1984). Editado por Christian Wentzlaff-Eggebert. Böhlau-Verlag, Köln/Wien 1989, ps. 49-67.

“Língua indígena”

Na “Carta ao Dr. Jaguaribe” que acrescentou a *Iracema*, e na qual explica por que teria escrito esta “lenda do Ceará”, ALENCAR diz:

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. (II, 1.123)

O poeta brasileiro teria que beber dessa fonte, aqui ele haveria de encontrar “o verdadeiro poema nacional”, assim como ele, ALENCAR, imaginava. Nesta carta e nas notas, por conseguinte, um grande espaço é ocupado pela discussão dos detalhes linguísticos.

Mas no próprio texto não existem problemas de linguagem ou de compreensão. No primeiro encontro entre Iracema e Martim, a “virgem dos lábios de mel” pergunta: “Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos?” Ele responde que vem de uma região que já teria sido ocupada pelos irmãos dela mas que agora pertencia aos seus (refere-se ao Rio Grande do Norte). Ele diz, pois, indiretamente, que fala língua dos potiguaras, e uma vez que é compreendido por Iracema o leitor é forçado a concluir que potiguaras e tabajaras falam a mesma língua.

O que na verdade se fala é o português, mas um português inteiramente novo. “Poema em prosa”, é como espontaneamente MACHADO DE ASSIS denomina o resultado; “estilo [...] alambicado”, “inchado”, com uma “linguagem falsa”, na opinião de TÁVORA.⁴¹

Guarani, tupi ou tapuia?

Qual a língua a que este português ou brasileiro deveria servir de metáfora⁴² em *Iracema* não é dito em lugar algum do texto; nós não ficamos sabendo qual língua falada por Martim, Iracema, Poti, Araquém e Irapuã quando eles conversam entre si – esta informação foi deslocada para as 128 notas, mas nem aí a questão ficou suficientemente esclarecida.

Embora nesse meio tempo ALENCAR tenha usado abundantemente o *Diccionario da Língua Tupi* (1858) de G. DIAS e o “*Glossario [sic] do Dr. Martius*” (1863), e embora os cite com menor frequência, ele não havia desistido ainda da idéia do “guarani”. Quando diz na nota 70: “[...] *boucaner*. A palavra provém da língua tupi ou guarani” (II, 1.120), isto nos aparece como uma última rebeldia contra a prepotência dos pontos de vista postulados por VARNHAGEN em sua

41 TÁVORA, *Cartas*, 170 e 317.

42 Cf. MÜLLER-BOCHAT, *op. cit.*

Historia Geral do Brasil (1854/57) a respeito dos tupis e da língua tupi, e que nove anos antes já havia sido lembrada a ALENCAR por D. Pedro II.

O nome “Ceará” é explicado por ALENCAR na primeira nota a *Iracema*, como “canto de jandaia”, de “*cemo*, cantar forte, clamar; e *ara*, pequena arara ou periquito”. Com isto esta palavra da língua indígena foi decomposta em suas partes, segundo as regras da “*língua tupi*”.

Mas na nota 2 ele se vale da língua guarani para explicar a palavra “Iracema”:

²Em guarani significa lábios de mel, *deira*, mel; e *tembe*, lábios. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *ceme iba*. (II, 1.116)

As palavras *ira* ou *yra* significando *mel*, assim como *tembè*, *beicho*, podem ser encontradas no *Diccionario da Língua Tupi* de G. DIAS, assim como sob a forma *aíra – miel* e *tembé-lábio* ou *rembé-lábio* encontramolas em todos os dicionários do *guarani* destinados ao uso atual.⁴³

Quando explica “Moacir” como “filho do sofrimento: de *moacy*, dor; e *ira*, desinência que significa: saído de” (II, 1.122), ALENCAR nem se dá mais ao trabalho de dizer qual a língua de onde provém esta composição. *Moacy'* pode ser encontrado também em G. DIAS para *magoar-se*.⁴⁴

Mas estas duas palavras, *Iracema* e *Moacir*, são *criações próprias* de ALENCAR e os que maior sucesso alcançaram.

Iracema, Martim e todos os outros índios estão falando então *guarani* ou *tupi*? Iracema pertence aos tabajaras, Poti aos potiguaras ou pitiguaras. Estas duas tribos fazem parte dos “tupis”? No texto, quando Martim vai ser pintado, se lê que este seria um uso deste povo:

Foi costume da raça, filha de Tupã [...] (II, 1.102)

Assim Martim deverá tornar-se um “guerreiro vermelho”:

[...] para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã (II, 1.102)

Esta raça, portanto, descende de *Tupã*, Deus. Usando no texto da lenda a fórmula “filha” ou “filho de Tupã”, ALENCAR evita a denominação “tupis”, pois por “filhos de Tupã” também podem ser entendidos os índios como todo um povo, assim como eles são interpelados em seu poema épico *Filhos de Tupã*, iniciado 1862 e que não chegou a ser concluído. Na nota 22 a *Ubirajara* pela primeira vez ele expressa com clareza a idéia de que os índios seriam a *primeira*

43 ANTONIO ORTIZ MAYANS, 249, 223, 512 e P. ANTONIO GUASCH dá a forma *ei'ra* para mel, p. 333.

44 G. DIAS, *Poesia Completa, Dic.*, 882.

raça humana que o deus do trovão teria enviado a terra (II, 1.195).

Esta idéia de que os “tupis” se consideram descendentes de “Tupã” não é encontrada na *Historia geral do Brasil* de VARNHAGEN, mas sim uma nota em *A confederação dos Tamoios*. Parece que se encontra aqui diante da contribuição própria dada por GONÇALVES DE MAGALHÃES à questão “tupis – Tupã”. (A fórmula “filhos de Tupã” procede de G. DIAS: *Os Timbiras*.⁴⁵)

Dessa mesma palavra [Tupá/Tupan/Tupâna] parece derivar o nome gentílico Tupi, abreviação de Tupani, que claramente, e sem a menor dúvida significa Tupanzinhos, ou descendentes de Tupan [...].⁴⁶

Com isto ele desejava fazer frente à interpretação forçada de VARNHAGEN, segundo a qual a palavra *Tupi* proviria de *Y'pi'* - “princípio de geração”, que na forma reflexiva se transformaria em *T'y'pi's* ou *Tupis*, significando “os da primitiva geração”.⁴⁷ Apesar da divergência, os dois autores concordam em ver nos tupis a raça primitiva do continente americano.

Mas quando no texto ALENCAR fala em “filho de Tupã”, com esta fórmula solene ele está evitando fixar-se num determinado conceito geral – neste caso, Iracema não poderia, quem sabe, ser uma *tapuia*? Martim Soares Moreno, em seu relatório, chama os *tabaiaras* de “*tapuias*”, e até FRANKLIN TÁVORA, talvez por um costume regional, também assim os denomina em *Os Índios do Jaguaribe* [“família dos Tabajaras, da grande raça *tapuia*”⁴⁸], e VON MARTIUS relata que na costa da Bahia os índios não civilizados seriam chamados de “*tapuias*”. Até hoje esta denominação ainda é usada no Ceará e no Amazonas, um pouco em sentido depreciativo.⁴⁹

Várias vezes em *Iracema* a palavra *tapuia* ocorre como “*tapuia branco*” (4 vezes), “*bárbaro tapuia*” (uma vez) ou “*tapuitinga*” (uma vez). Ela é aplicada aos franceses e aos tupinambás, a quem Martim, junto com os potiguaras, primeiramente observa e depois dá combate no Maranhão, às margens do rio Mearim. ALENCAR empregou aqui a palavra “*tapuia*” no sentido de VARNHAGEN, como “*inimigo*” ou “*bárbaro*” (VARNHAGEN, I, 22).⁵⁰

Em *Ubirajara* os “*tupinambás*” são apresentados por Jurandir, em sua “*maranduba*” ou relato de viagem, de uma maneira respeitosa – no sentido da etimologia de VARNHAGEN – como

45 *ibid.*, 475.

46 G. DE MAGALHÃES, *Confederação*, 335. - A palavra “*tuppan*” para “Deus” já era usado pelos tupinikin de HANS STADEN em 1553, (p.179, ed. FOUQUET). Isto mostra que esta palavra não podia ter sido introduzido pelos jesuitas que chegaram em 1549 na Bahia, como relembra HORST FIGGE, que aqui também suspeita um palavra africana como fonte. (*Tupi-Guarani. Indianersprache aus Afrika*).

47 VARNHAGEN, *Historia Geral*, I, 18.

48 TÁVORA, *Índios*, 25.

49 v. MARTIUS, *Reise*, II, 742 e 752. - ANNA MIRANDA, de origem cearense, em seu romance *Retrato do Rei* fala dos *tapuias*. em sentido geral de “índio”. Companhia das Letras, São Paulo 1992.

50 Cf. VARNHAGEN, *Historia Geral*, I, 22.

“descendentes da mais antiga geração de Tupi” (II, 1.163). Aui um “Tupi” é visto como sendo o ancestral de toda esta raça ou povo.⁵¹

Na nota 115 a *Iracema* ALENCAR volta a explicar o nome *tupinambá* no sentido de VARNHAGEN (I, 17):

O nome que eles se davam significa: gente parente dos tupis, *tupi – anama – aba*. (II, 1.122)

Os tabajaras, potiguaras, e os tupinambás, seus inimigos, são, portanto, todos parentes entre si, por isso eles também falam a mesma língua guarani ou tupi. Com a idéia de “os tupis”, que não chega a ser formulada no texto de *Iracema*, ALENCAR adotou também a idéia de uma língua *única* que seria falada por todos os índios da costa do Brasil.

Por esse motivo, em *Iracema* e *Ubirajara*, contrariamente a *O Guarani*, já não existem mais problemas de língua. A modificação, talvez inconsciente, do título da coleção de vocábulos de VON MARTIUS, que ALENCAR chama de *Glossario* em lugar de *Glossaria*, representa um claro indício do fato de as numerosas línguas indígenas do Brasil terem sido reduzidas a uma única, que agora, de acordo com *Iracema*, passa a ser chamada de “língua tupi”.

Talvez ALENCAR tivesse receio de empregar a palavra “tupi” no texto de *Iracema*, pois esta palavra **não figura nem mesmo no Dicionário da Língua Tupy** de G. DIAS! Nem para designar o fundador de uma nação, nem como nome de um povo e nem como denominação de uma língua. Pois nas lista de vocábulos que G. DIAS cita como fontes para o seu *Dicionário* ele não foi capaz de encontrar este conceito, que foi criado no ano de 1800, quando estas coleções de vocábulos já estavam concluídas.

Só nas notas a *Ubirajara* foi que ALENCAR desistiu por completo da idéia de uma língua guarani: **depois da guerra do Paraguai** (1865-1870), o país dos guaranis, esta já não era uma expressão oportuna, agora só existia no Brasil uma **“língua tupi”**. A partir deste fato político todas as palavras indígenas mencionadas nas fontes utilizadas passaram a pertencer ao “tupi”, e os costumes descritos a ser atribuídos ao grande povo dos “tupis”.

Listas de palavras e etimologias de ALENCAR

No caderno X de seus *Apontamentos Diversos*, conservados no Museu Histórico, ALENCAR compôs para uso próprio uma lista de vocábulos, que traz como título “Língua Brasilica”.

51 Cf. VASCONCELOS, I, 149, p. 109.

Uma comparação com o *Dicionário português, e brasileiro* mostra que em sua maioria os vocábulos são tirados daí. A maior parte deles fora efetivamente utilizado por ALENCAR em *Iracema*. Trata-se de palavras-chave como:

Deus – Tupan	Terra – Iby.
Alma – anga.	Sol – Coaracy
anjo – caraibéte	Nuvem – Ibitinga.
Ar – ibitu	Estrella – Jacitata
Atmosphera – Ibaté	Ceo – Ibaké.
Arco – Uirapara	Lua – Jacy
Arco-iris – Guaimim	Estio – Coaracy-ara
Branco - Cariba	Dia – ara.
Anil – Cayby	[<i>ilegível</i>] – Apiaba
Flor – Potira.	Lei – Tecô
Ave – Guira	Leito – Cambi
Agua – ig	Lume – Tata
Senhora – iara	Machado – Gy
Borboleta – Panamâ	Mez – jacy
Arvore – [<i>ilegível</i>] iba	Mar – Parana.
Pena – Cacy [<i>sic!</i>].	Mel – Ira. (p. 27)

Na página 28 encontramos, entre outras coisas:

Cunhado do h. - Tobajara

e na página 29

Camarão – Poty.

Nas páginas 33-36 algumas palavras conhecidas são decompostas em suas partes, p. ex.:

Tu – paya (Tupun) pae da vida

Tu – ipys (Tupis) primeiros q viverão

Guaranys – Iguara -ne-y – que hao de ser os senhores das aguas. (p. 33)

Ibyra – Iby-ira – folhas da terra – arvores

Iguara – Ig – uaras – senhora d'agua – canoas (p. 34)

Esta última etimologia é parte da note 117 a *Iracema*, onde entretanto ele reconhece *jara* como “senhor” e não como “senhora”.

Aos barcos menores ou canos chamavam *igara*: de *ig*, água; e *jara*, senhor; senhora d'água. (II, 1.122)

Também a etimologia que vemos à página 36 foi (de uma forma um pouco mais ampla) incluída na nota 88 a *Iracema*:

Ta – puya – Taba – fu[n]gir – que abandonou as Tabas – bárbaro – selvagens.

Na nota 88 lemos:

⁸⁸Em tupi, *tapuitinga*. Nome que os pitiguaras davam aos franceses para diferenciá-los dos tupinambás. *tapuia* significa bárbaro, inimigo. De *taba*, aldeia; e *puir*, fugir: os fugidos da aldeia. (II, 1.120)

A palavra *taba* já era conhecida, a palavra *puir*, sob a forma PUYR, pôde ser encontrada por ALENCAR em G. DIAS, onde é explicada da seguinte maneira:

PUYR, abster-se totalmente, deshabituar-se, despegar-se, emendar-se refrear-se, tirar-se, afastar-se: retirar.⁵²

G. DIAS no entanto, explica sucintamente a palavra TAPUYA como “gentio”,⁵³ o que provavelmente ele tirou do *Diccionario Portuguez-Brasiliانو*, onde lemos “Gentio – *Tapya cáa póra*” (p. 89). Na parte *Brasiliانو-Portuguez* (de AYROSA) encontramos “*Cá pora* – o agreste, o rustico, o habitador do matto, o que vive dentro do matto, o selvatico” (p. 213).

Esta lista de vocábulos, acompanhada de algumas palavras decompostas em seus presumíveis elementos, representa um trabalho preparatório para *Iracema*, e não para *O Guarani*. Comprova-o, entre outras coisas, o fato de o nome *Aimorés* ser mais uma vez interpretado com auxílio do dicionário de G. DIAS:

52 G. DIAS, *Poesia completa, Dic.*, 898.

53 *ibid.*, 903.

Aimorés – Ayb – moro (má gente) (p. 35)

Em G. DIAS, ALENCAR pôde encontrar:

AYRA, máo⁵⁴. (p. 856) e MORO, gente (p. 885).

Para *O Guarani* esta explicação chegou tarde demais, ma ela também não teria desempenhado nenhum papel importante, pois lá ainda se fala, de maneira despreocupada, dessa “bela e melodiosa” língua.

Na pág. 53 do caderno X dos *Apontamentos Diversos* se faz uma descoberta: encontra-se aí uma lista em três colunas, que apresenta uma comparação entre algumas palavras em três línguas, a saber:

Guarany – Tupy – Omagua

Na parte de cima da lista uma única palavra: “Hervas”.⁵⁵ Trata-se da lista apresentada à pág. 148 do primeiro volume do *Catálogo de las Lenguas* (Madrid 1800) do jesuita espanhol LORENZO HERVÁS Y PANDURO⁵⁶, p. ex.:

Lenguas.	Guaraní.	Tupí ó Brasil.	Omagua.
Perro	Yagua	Yaguara	Yahuara
TabacoPetj	Petima		Petema
Muger	Tembirecó	Temirecó	Mericua

Na cópia que fez ALENCAR simplesmente substituiu a expressão em espanhol pela expressão em português. Talvez esteja aqui a razão porque nas notas a *Iracema*, para designar a língua, ALENCAR ainda oscile entre “guarani” e “tupi”, já que as coincidências são marcantes. Por outro lado HERVÁS deve tê-lo deixado convencido da existência do nome “tupi” para designar a língua dos índios do Brasil. (Se ALENCAR teve em mãos o livro de HERVÁS, não pôde ser

54 *ibid.*, 856.

55 O saudoso pesquisador e guardião da memória de ALENCAR, Prof. FABIO FREIXIEIRO que me mostrou estes cadernos e também esta lista em 1983, confessou que não tinha visto nenhum sentido entre “hervas” (plantas) e a lista destas palavras indígenas.

56 LORENZO HERVÁS (El Abate Don): *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas* [...]. Volumen I. *Lenguas y Naciones Americanas*. Madrid 1800, p. 148.

averiguado.)⁵⁷

57 Um exemplar do *Catalogo de las lenguas de las naciones conocidas* [...] de HERVÁS Y PANDURO encontra-se na “Biblioteca Edelweiss” no “Centro de Estudos Baianos” em Salvador, na Praça Terreiro de Jesus.